



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13434 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

**CORPOS EM MOVIMENTO, CORPOS QUE (SE) EDUCAM: MILITÂNCIAS-EDUCADORAS DE MULHERES DO CAMPO**

Alessandra Bernardes Faria Campos - UFOP - UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Marco Antonio Torres - UFOP - UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Bárbara Bruna Moreira Ramalho - FAE - Faculdade de Educação da UFMG

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

**CORPOS EM MOVIMENTO, CORPOS QUE (SE) EDUCAM: MILITÂNCIAS-EDUCADORAS DE MULHERES DO CAMPO**

**Resumo:** Neste texto apresentamos parte dos resultados de uma pesquisa de doutorado em andamento cujo tema é a dimensão educativa contida nas formas de militância de mulheres vinculadas a movimentos sociais do campo na Zona da Mata mineira. Referenciada nos debates sobre Educação Popular (FREIRE, 1987), a pesquisa vem sendo realizada com mulheres de três frentes de lutas camponesas. Para a construção dos dados, inspiradas pela IAP (BONILLA *et. al.*, 1987) e pelo feminismo popular e camponês (HILLENKAMP org., 2022), mobilizamos nossas *sensibilidades interpretativas* (DARDER, 2019) e *percepções* (OYĚWÙMÍ, 2012) em vivências em campo e entrevistas narrativas com as mulheres. Neste trabalho, refletimos sobre como o corpo aparece no fazer *militante-educador* das mulheres do campo, conceito formulado ao longo da pesquisa em diálogo com a literatura sobre movimentos sociais e educação (GOMES, 2017; ARROYO, 2003, 2012). Os dados demonstram que o cuidado e o afeto são constitutivos da produção de uma educação como prática da liberdade (hooks, 2013), produzida pelas mulheres, em contextos socioespaciais marcados pelo conservadorismo patriarcal e racista.

**Palavras-chave:** Mulheres do campo, Corpo e educação, Educação Popular, Movimentos Sociais e Educação.

## Pontos de partida

Na literatura sobre movimentos sociais e educação é reconhecida a ação educadora dos coletivos populares (GOMES, 2017; ARROYO, 2003, 2012). Organizados, diferentes atores do campo popular, denunciam violências e opressões e, em meio a contradições inerentes à condição de oprimidos (FREIRE, 1987), anunciam caminhos para sua superação.

Parte dessa história colonial, a Zona da Mata mineira é marcada pela tentativa de extermínio dos povos originários, pela opressão capitalista e racista do povo preto, pela presença do agronegócio e da mineração. A região é também território de respostas populares à essas opressões, como a agroecologia, a luta das mulheres do campo, a organização recente do povo Puri e quilombola e as frentes de enfrentamento à mineração. Nessas lutas, de forte caráter educativo, observamos a presença protagonista e majoritária de mulheres, nem sempre coincidente com a visibilidade e os lugares de poder ocupados por elas.

Na pesquisa de doutorado em curso buscamos caracterizar e compreender a natureza e o papel educador da ação militante das mulheres do campo nessa região. A pesquisa vem sendo realizada com mulheres de três frentes de luta: as lutas quilombolas, as lutas de enfrentamento à mineração e a luta das mulheres do campo. Aqui apresentamos um recorte dos resultados em construção dessa pesquisa, debatendo as formas como o corpo aparece no fazer militante-educador dessas mulheres.

Somado às leituras sobre movimentos sociais e educação, dialogamos com debates da Educação Popular (FREIRE, 1987, 2016; ARROYO, 2003, 2012) e com obras, sobretudo de mulheres, que refletem e apontam caminhos para a produção do conhecimento a partir dos lugares sociais que ocupamos (OYĚWÙMÍ, 2021; DARDER, 2019; hooks, 2013).

## Solidariedade e abertura: pesquisar com mulheres

Referenciada pela IAP – Investigação Ação Participativa (BONILLA, *et.al.*1987), a pesquisa em curso visa contribuir com o avanço do conhecimento acadêmico e com a transformação social numa perspectiva anticapitalista, feminista e antirracista. Nesse percurso, a pesquisadora se envolve como agente nos processos que estuda, “aprendendo não somente a partir da observação que faz, como também do próprio trabalho que executa junto às pessoas com as quais se identifica” (BONILLA *et.al.*, 1987. P.138).

Como instrumentos de pesquisa, provocados por Oyěwùmí (2021) sobre a centralidade do olhar na apreensão do mundo, substituímos a observação pelas *percepções em campo*. Tais percepções foram registradas nos *relatos compartilhados*, textos com teor descritivo, experiencial e analítico, partilhado e dialogado com as mulheres. Também realizamos entrevistas narrativas no formato de *Rio da Vida* (HILLENKAMP org., 2022), instrumento criado e utilizado na formação de mulheres na agroecologia. Em nosso estudo o Rio da Vida foi meio de construção das histórias de vida e militância das mulheres, trazendo sua não linearidade, bem como memórias, dores, afetos, em sintonia com os distintos ritmos e volumes da água em seu curso.

## **Elaborações em curso: corpos em movimento, corpos que (se) educam**

Nas vivências com as mulheres o corpo é elemento central nas trajetórias de militância e processos educativos engendrados por elas a partir da militância. Apresentamos linhas dessa multifacetada presença nas vivências militante-educadoras das mulheres vinculadas às frentes de luta do campo sobre as quais versa a tese em curso.

Um primeiro elemento é o modo como as vivências do corpo das mulheres, mulheres do campo, mulheres negras, conduzem à militância. Em seu Rio da Vida, a militante quilombola relata como as experiências de sofrimento e vergonha na infância, vinculadas ao corpo sensualizado e aos cabelos e pés “sujos”, como menina negra e do campo na escola, alicerçam sua indignação (FREIRE, 2016). Segue atrelando seu engajamento na luta quilombola como necessária resposta à manutenção da vida de corpos negros ameaçados e ao direito a um digno existir dos quilombolas.

Sobre o fazer pedagógico das mulheres, o corpo é elemento importante e particular. O olhar presente, o abraço, o toque, a fala acessível, são atitudes constitutivas das relações entre as militantes e as demais presentes. A presença do corpo, fisicamente em contato com os outros corpos, promove acolhimento, cuidado, afetos, convertidos na construção de espaços de cumplicidade e abertura para a partilha de situações íntimas e sensíveis e de produção coletiva de possibilidades de superação das violências vividas. Pedagogicamente, configuram-se comunidades de aprendizagem (hooks, 2013), espaços de circulação de conhecimentos sobre e a partir de vivências de opressões e resistências das mulheres, concretizando o sentido de uma educação como prática da liberdade (hooks, 2013; FREIRE, 1987) a partir das mulheres. Aqui os atravessamentos feministas, antirracistas e anticapitalistas na postura das militante-educadoras são fundamentais. Anunciando-se a partir desses lugares, com seus corpos e palavras, provocam ou “permitem” às demais se expressarem sobre aspectos relativos a esses temas em suas vidas, apoiando na elaboração coletiva de caminhos para relação com os maridos, a escola, o poder público municipal, as e os companheiros de militância, o trabalho.

Metodologicamente, desafiando formas hegemônicas de educação centradas no racional, na disciplina do corpo e na reprodução das ideias e atitudes (hooks, 2013), na militância-educadora das mulheres, o corpo todo e em movimento é elemento constitutivo. Seja através da teatralização das lutas, como fez a militante quilombola, seja através do Corpo-território (mapa do corpo coletivo de agricultoras ameaçadas pelo agronegócio e a mineração) e do Rio da Vida, mobilizados pelo movimento de mulheres, o conhecimento é produzido a partir do corpo inteiro, em suas dimensões física, emocional, racional, espiritual. Nesse processo, ideias e atitudes se põem em movimento emancipatório, como preconiza a Educação Popular.

Relativo ao corpo, destacamos ainda a sobrecarga e adoecimento das mulheres. Muitos são os relatos e expressões de enfermidades físicas, desgaste mental e emocional entre as militantes e demais mulheres do campo, espaço de acirrado conservadorismo e de expressas

desigualdades na divisão e no reconhecimento do trabalho.

### Considerações finais

Entre diversas aprendizagens em curso, as vivências com mulheres militantes do campo têm mostrado a potência educadora dessas sujeitas, bem como seus modos de educar. A dimensão do cuidado e dos afetos, entre mulheres, entre mulheres e outras pessoas e entre elas/nós e outros seres (a água, as plantas, a terra), elementos que têm no corpo sua centralidade, são constitutivos e particulares da sua ação militante-educadora; uma relevante contribuição das mulheres à Educação Popular. A partilha do alimento e da semente, frequentes nos espaços mobilizados pelas mulheres expressam de maneira emblemática a singularidade da sua ação política: cuidar do corpo e da luta hoje e construir o porvir com esperança e autodeterminação dos coletivos populares.

### REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. Pedagogias em movimento: o que temos a aprender dos Movimentos Sociais?. **Currículo sem Fronteiras**, v.3, n.1, pp. 28-49, Jan/Jun, 2003.

\_\_\_\_\_. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BONILLA, Victor; CASTILLO, Gonzalo; FALS BORDA; LIBREROS, Orlando e Augusto (*et. al.*). Causa Popular, ciência popular: uma metodologia do conhecimento científico através da ação. *In.*: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

DARDER, Antonia. Decolonizing interpretative research. *In.*: DARDER, Antonia. **Decolonizing interpretative research: a subaltern methodology for social change**. Abington, South Africa: Routledge, 2019. pp. 3-36.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Indignação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2016.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador**. Petrópolis: Vozes. 2017.

HILLENKAMP, Isabelle (org.). Guia metodológico. Disponível em: <https://gengibre.org/publicamos-nosso-guia-metodologico/>. Acesso em: 20 jul. 2022.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes. 2013.

LAROSSA BONDÍA, Jorge. (2002) Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, nº 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 de ago. de 2022.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónke. **A invenção das Mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo. 2021.